



A COBERTURA DO MASSACRE DA FARINHA:

A ATUAÇÃO DE O GLOBO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS
ACERCA DO GENOCÍDIO PALESTINO

ARTHUR HONORATO DE ALMEIDA
MESTRANDO PPGCOM-UFJF
GRUPO DE PESQUISA: COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E CIDADANIA

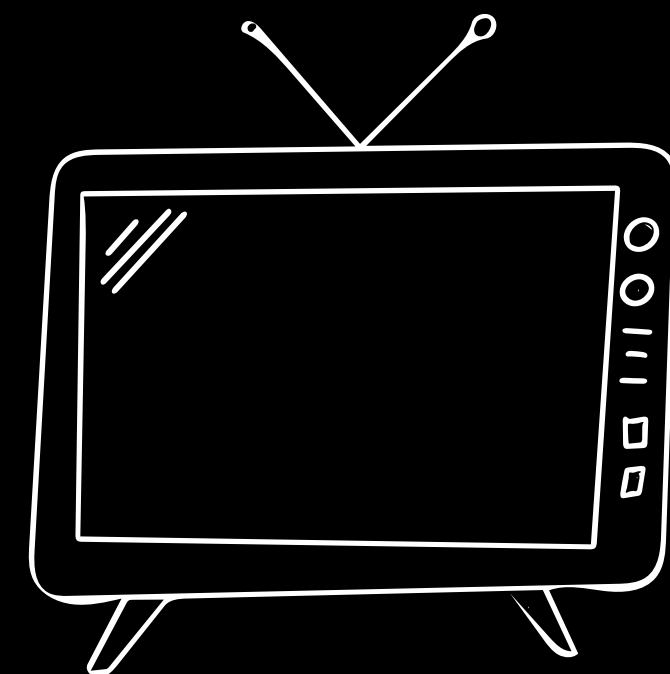
RESUMO

A pesquisa tem como objetivo observar de que forma o conflito Israel versus Palestina ganha forma na mídia brasileira e constrói o imaginário social acerca do tema.

Tendo o jornalismo como parte do referencial de mundo das pessoas, a forma com que o conflito é exposto na mídia nacional tende a perpetuar a forma como a população compreende a guerra e os lados nela envolvidos.

A partir dessa perspectiva, o trabalho visa analisar o veículo de circulação nacional, Portal G1, o qual representa a mídia tradicional.

Como corpus de análise foi coletada a matéria do dia 29 de fevereiro de 2024, a respeito das mortes ocorridas durante entrega de ajuda humanitária na Faixa de Gaza.



UM POUCO DA HISTÓRIA

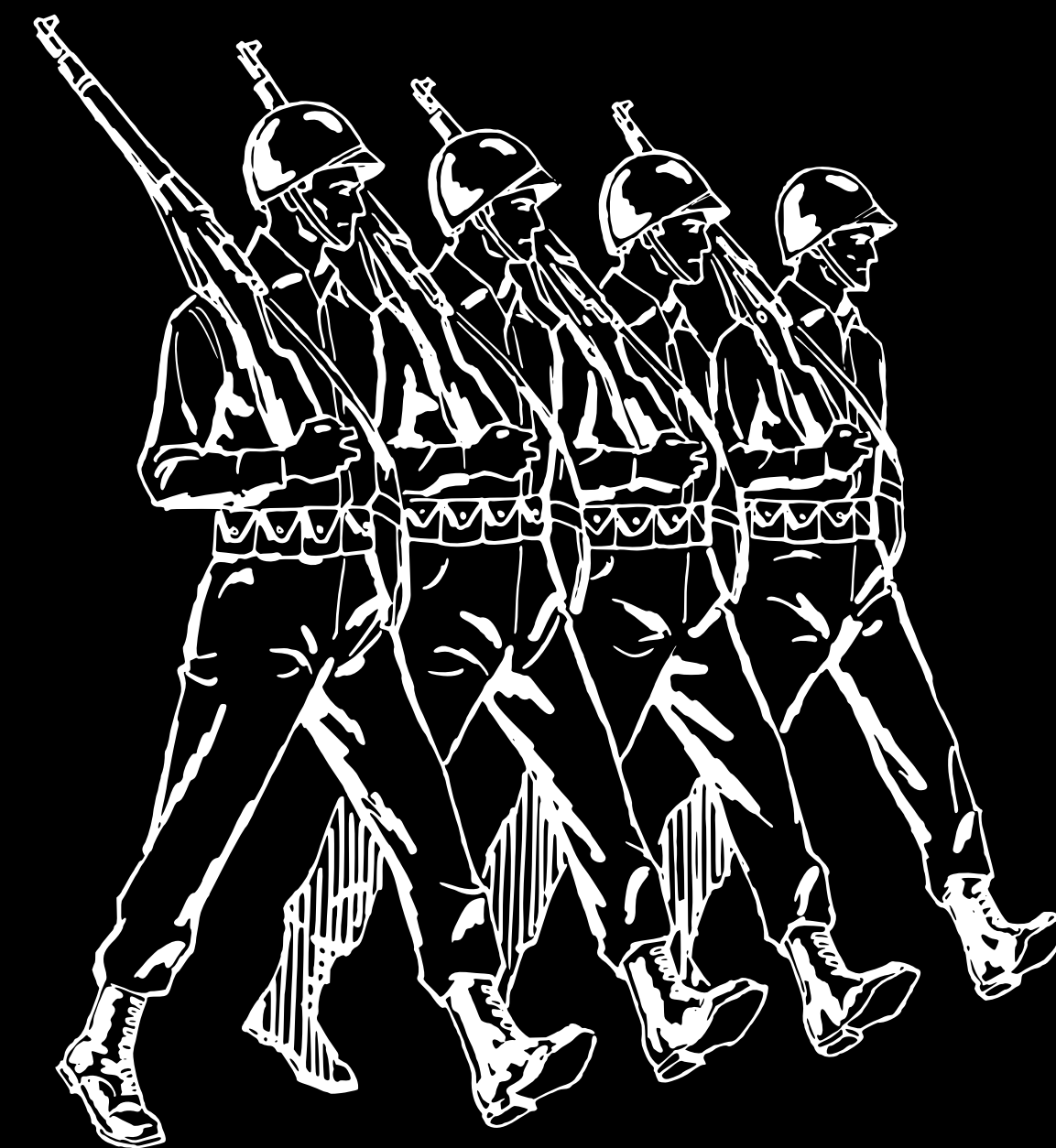
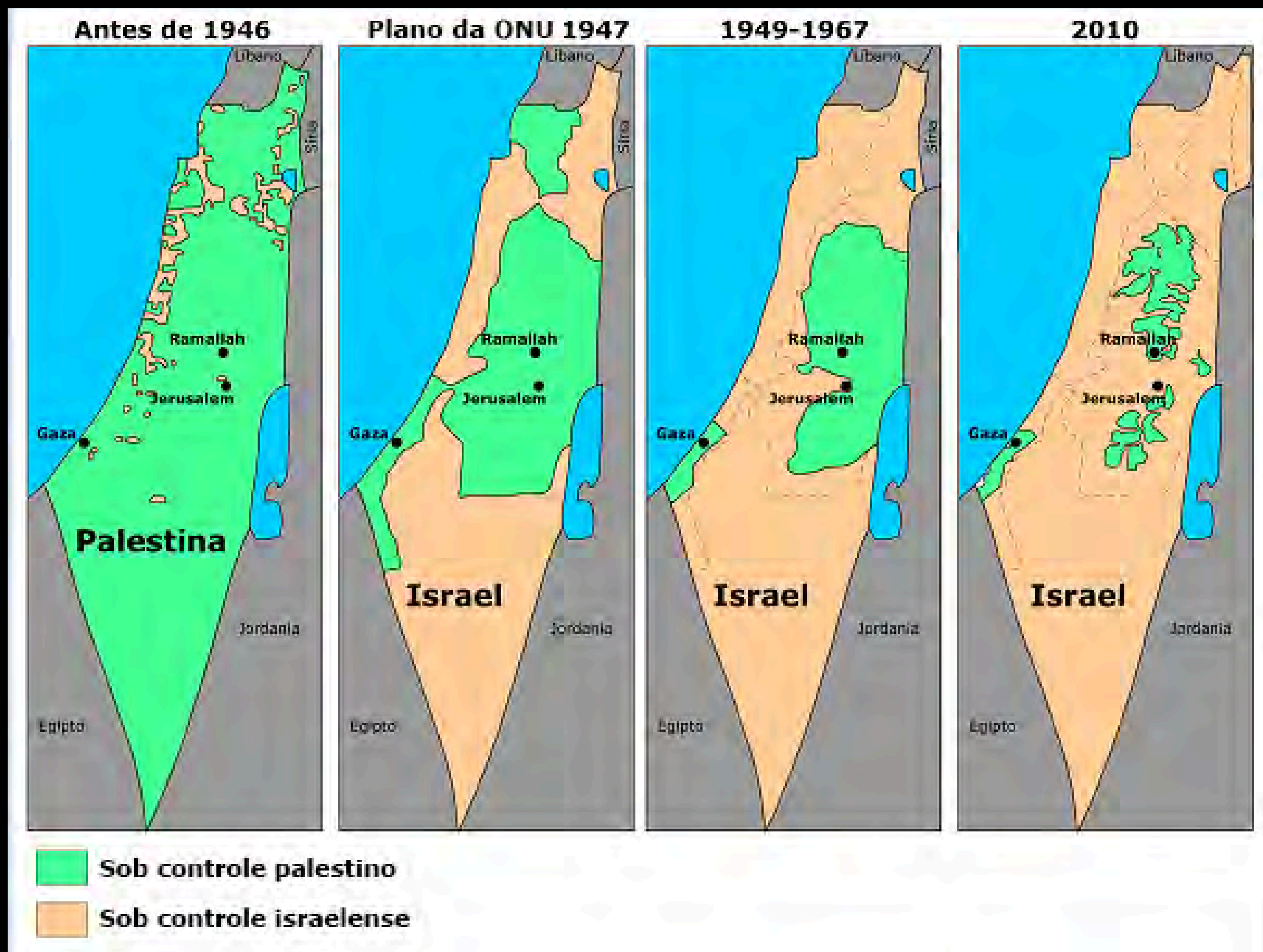
O território da Palestina está localizado no Oriente Médio, entre Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo, região que era dominada pelo Império Otomano, até o início da Primeira Guerra Mundial (1914), e, posteriormente, passou a ser colonizada pela Inglaterra (1917).

Após as perseguições ocorridas no continente europeu e o antissemitismo pregado por Adolf Hitler e seus seguidores, o povo judeu iniciou uma série de movimentos migratórios em uma tentativa de encontrar um novo lar.

A região da Palestina/Israel é vista como “Terra Santa” pelo o povo judeu, mas não somente por eles, cristãos e mulçumanos, grupos que historicamente também ocupavam a Palestina, também partilham dessa visão, uma vez que as três religiões monoteístas possuem raízes abraâmicas.



TERRITORIO



RECORTE

Este trabalho tem como corpus de análise das 6 matérias do veículo O GLOBO, do dia 29 de fevereiro a 10 de março de 2024, a respeito das mortes ocorridas durante entrega de comida através de ajuda humanitária na Faixa de Gaza. O episódio ficou conhecido como o “Massacre da Farinha”.

No episódio, que ocorreu na madrugada de 1º de março de 2024, tropas israelenses dispararam vários tiros contra uma multidão de palestinos famintos que esperavam por caminhões de ajuda humanitária na Cidade de Gaza, resultando em mais de cem mortos e mais de mil feridos.



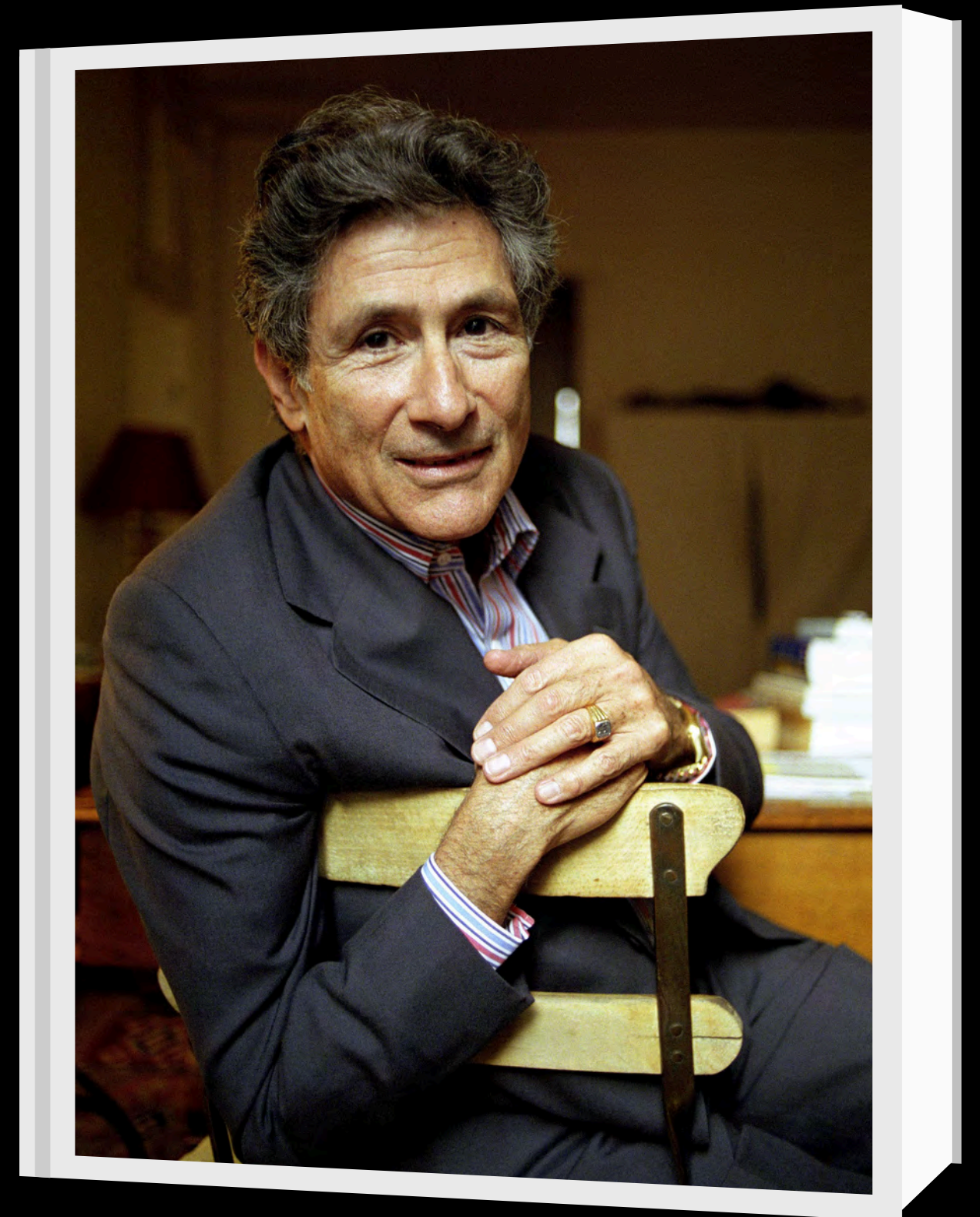
REFERENCIAL TEÓRICO

TEORIA CONHECIDA COMO ORIENTALISMO, ELABORADA POR EDWARD W. SAID (1935-2003), INTELLECTUAL PALESTINO-ESTADUNIDENSE;

AS PERCEPÇÕES DE BERGER E LUCKMANN (2007)
SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE SOCIAL;

AS DISCUSSÕES EM RELAÇÃO AO PODER SIMBÓLICO
APONTADO POR PIERRE BOURDIEU (1989);

NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO: NOAM CHOMSKY E SUAS PONTUAÇÕES EM “MÍDIA: PROPAGANDA POLÍTICA E MANIPULAÇÃO” (2014), JOHN B. THOMPSON COM MÍDIA E MODERNIDADE (2008). ADRIANO DUARTE RODRIGUES COM O JORNALISMO COMO MEDIADOR SOCIAL E REFERENCIAL DO MUNDO APÓS A MODERNIDADE (2002)



METODOLOGIA

O trabalho avalia quais os assuntos, enfoques e narrativas usadas para tratar palestinos e israelenses, envolvidos no evento. As categorias a serem apresentadas para análise de conteúdo (BARDIN, 2011), as quais decompõe a construção das matérias são: fontes acionadas e autoria das matérias.

The logo for 'O GLOBO' is displayed in white, bold, sans-serif capital letters on a solid blue rectangular background. The 'O' is a simple circle, and the 'G' has a distinctive shape with a small loop at the bottom.

RESULTADOS O GLOBO

O veículo, em todos os textos, ressalta que há duas versões do ocorrido e que “nenhum dos relatos pôde ser verificado de forma independente” (O Globo, 2024). Sendo assim, as reportagens buscam aprofundar em outras questões envolvendo o conflito, como, por exemplo: o pronunciamento de Joe Biden (presidente dos EUA na época do ocorrido) e o posicionamento dos Estados Unidos da América em relação a um possível cessar-fogo.

Assim como os desdobramentos no Brasil e nos EUA, o Globo traz em suas matérias um apanhado das repercussões do ocorrido em diversos países, como uma forma de mostrar aos leitores a maneira como diferentes governos reagem às duas versões do massacre.

FONTES ACIONADAS

Depois de todo o levantamento das fontes, é possível inferir, em relação às fontes israelenses, que quase todas estão ligadas ao Exército de Israel, acionadas, na maioria das vezes, para dar um posicionamento sobre as mortes e até mesmo para atualização do número de mortos de pessoas palestinas. Os relatos são sempre os mesmos, e alguns até se diferem, causando uma certa confusão em relação à narrativa defendida pelo lado israelense.

Em relação às fontes de origem palestina, nota-se que na maioria dos casos estão ligadas ao governo palestino - “Ministério da Saúde do enclave” e “Autoridade Nacional Palestina” são exemplos recorrentes - também aparecendo para dar sua versão do ocorrido e relatar o número de mortos e feridos. Além dessas, é importante destacar a presença de fontes como a dos diretores de hospitais, Mohammed Salha e Husam Abu Safiya, em Gaza, que testemunharam a chegada de diversas pessoas feridas com disparos naquele dia, dando força a narrativa do lado palestino. Esses relatos, apesar de breves, são importantes para trazer uma narrativa que vai além daquelas pertencentes às grandes organizações de Israel ou da Palestina.





AUTORIA DAS MATÉRIAS

3 foram produzidas pelo próprio veículo e 3 foram produzidas em conjunto com agências e jornais internacionais, sendo eles: The Guardian (britânico), New York Times (estadunidense), CNN (estadunidense), Reuters (britânica), AFP (francesa) e Associated Press (estadunidense). É possível perceber que todos os veículos são ocidentais, europeus ou estadunidenses.

O fato de o Globo utilizar apenas agências estadunidense/europeias (ocidentais) para construir informações sobre o assunto, mostra que o grupo não se preocupa em passar uma outra visão do contexto abordado. O Al Jazeera fez a cobertura do episódio do Massacre da Farinha, inclusive utilizando este nome, mas em nenhum momento o Globo o utilizou como recurso, o que seria interessante para trazer uma visão oriental sobre o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O orientalismo é caracterizado por Said (2007) como uma visão que representa o oriental como um indivíduo exótico, inferior, misterioso, aquele que precisa ser dominado.

Apesar de adotar uma narrativa humanitária e “denunciante” sobre o Massacre da Farinha, o Globo ainda assim acaba tropeçando em pequenos obstáculos orientalistas. A narrativa palestina acaba se sobressaindo não pelo maior número de fontes acionadas ou relatos de apoio, mas sim pela confusão dos pronunciamentos das autoridades israelenses.



Referências Bibliográficas

BRASIL de Fato completa duas décadas de comunicação popular e luta pela democracia. Brasil de Fato, Porto Alegre, 25 de jan. de 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefatores.com.br/2023/01/25/brasil-de-fato-completa-duas-decadas-de-comunicacao-popular-e-luta-pela-democracia>>. Acesso em: 10 de mai. de 2023.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. Orientalismo na imprensa brasileira. A representação de árabes e mulçumanos nos jornais 'Folha de São Paulo' e 'O Estado de São Paulo' antes e depois de 11 de setembro de 2001. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CHOMSKY, Noam. Mídia: propaganda política e manipulação. WWF Martins Fontes, 2015.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. DELIMITAÇÃO, NATUREZA E FUNÇÕES DO DISCURSO MIDIÁTICO. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). O JORNAL: Da forma ao sentido. Editora UNB, 2002. p. 217-233.



OBRIGADO!

ARTHUR HONORATO DE ALMEIDA
ARTHUR.HONORATO@ESTUDANTE.UFJF.BR

